

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI — Número 1.717

Terça-feira, de 1 Julho de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada de Cimbra, 33-A, 2.º — LISBOA — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-C

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 111

O povo quer pão?
Dão-lhe balas!

O povo quer justiça?
Dão-lhe baionetas



ONDE ESTÃO OS REPUBLICANOS HONESTOS?

será possível que os velhos propagandistas da liberdade assistam impassíveis aos desmandos, às arbitrariedades, às baixezas dos republicanos que se servem do poder para acobertar uma plutocracia financeira, com a qual pactuam vergonhosamente?

Porque não veem a público esses homens que conservam intacto o seu culto pela democracia, juntar aos nossos os seus protestos contra a violência, contra o crime e contra o roubo?



«Haverá alguém que tenha a coragem de nos afirmar que o presente regime é aquela república de amplas liberdades que nos pregaram os caudilhos no tempo da monarquia?»

Os factos são tão eloquentes, tão nítidos, tão flagrantes que tal afirmação — abertamente contrária à verdade desses factos — constituiria um autêntico insulto a todos os homens que possuem ainda intacto o culto pela liberdade.

Os homens da república — salvo muito raras excepções — têm procedido duma maneira tão irritante, tão intrínseca ao credo de moralidade e justiça que pregam, que só num país onde as energias do povo por completo tivessem adormecido, se pode conceber que esses homens continuem a dominar.

Falou-se — o povo não o esqueceu ainda — numa república social, numa república verdadeiramente popular, onde as liberdades públicas fossem respeitadas, onde o povo tivesse largas garantias de vida económica.

Falou-se em encher o país de escolas primárias para o povo. Falou-se numa administração pública limpa, que contrastasse na honestidade com a administração do regime dos adiantamentos à casa real. Falou-se até no «batalhar a pataco».

A honestidade na administração pública está aí bem patente. O caso da prata, dos 80.000 contos da prata é o caso da imoralidade que mais profundamente feriu a atenção do povo. Não há negócio escuro onde se não encontre um ministro enterrado em lama; não existe

companhia desonesta que não tenha por administrador um ministro ou um deputado; as pseudo-campanhas de moralidade que se levantam albergam no fundo um intuito de vergonhosa sede de ouro.

As poucas escolas que restavam têm derruido abandonadas; cerca de 3.000 professores — neste país de analfabetos — andam por aí, à boa vida, sem terem onde empregar a actividade, sem possuírem uma escola onde ganhem o seu pão, espalhando a luz pelos cérebros incultos.

A assistência pública é uma verdadeira miséria; os mendigos e os leprosos estendem ao sol, em plena rua, as suas feridas purulentas; a tuberculose campeia livremente, ceifando para cima de 20.000 pessoas por ano; a infância abandonada no vício e na lama da cidade, prepara-nos uma sociedade futura ainda mais vil do que a presente; os asilos são poucos e lutam com falta de recursos; as creches nunca passaram de projectos; o desenvolvimento industrial impulsionado pelo Estado, cifra-se em pinta alfanegária de protecção aos industriais amigos e nos empréstimos formidáveis que a Caixa Geral dos Depósitos concede a companhias que roubam o povo.

A política financeira é uma política de falsos arrounados: contraímos empréstimos para pagar os juros dos primeiros; aumenta-se a circulação fiduciária para alimentar as necessidades de especulação financeira; empunham-se as pratas para obter novos e confusos empréstimos.

Os homens do poder põem de parte as convicções políticas para acamarar com os adversários dentro das

grandes empresas que, mercê de negócios escuros, roubam o país e enriquecem na velocidade do relâmpago.

No Banco Ultramarino, Afonso Costa dá o braço ao monárquico Baltazar Cabral; na Companhia Cal e Cimentos o ministro da república sr. Sá Cardoso solidariza-se com o Baltazar Cabral, e com o sidonista Baptista Coelho. Os militares metem-se em negócios em companhias; os que citamos agora o coronel Sá Cardoso e o coronel Baptista Coelho, que é director da Companhia Carris, são exemplos frisantes. Trocaram a espada pelas cotações da praça e só a usam para ordenar, como em Silves e nos Olivais, o fusilamento do povo.

As liberdades públicas são isso que aí se vê: fusilamento, com o aplauso do ministro, o da imprensa dos grandes potentados exploradores, homens prosos e indefeitos; carrega-se sobre o povo, matando homens, ferindo mulheres e crianças e não se procede contra os autores de tal bárbaro crime porque há falta de verba...

A liberdade do cidadão respeita-se, encerrando nas prisões, durante longos meses, homens, que depois se têm de pôr em liberdade, por nada de positivo haver contra eles.

A liberdade de pensamento tam sagrada, tam exaltada pelos propagandistas da república, é espionhada por qualquer ministro, a quem não agrada a publicidade das suas desonestidades. Qualquer cabo de esquadra, qualquer «Sebento», agente de polícia impede a saída duma gazeta honrada.

Em matéria religiosa, inventa-se uma lei de separação da Igreja do Estado, para subtrair à igreja os seus valores que desaparecem na voragem, na gula insaciável de vários cavalheiros, mas acamarada-se com os padres nos atentados contra a liberdade espiritual do povo e nas imposições de barretes cardinalícios.

«Nem princípios, nem honestidade!» — eis o distico que deveria colocar-se no pórtico desta república de latrocinio, nesta plutocracia financeira.

Tudo isto produz revolta, alarma as populações laboriosas que sofrem, gemem e pagam com sacrifício do seu sangue o do seu bem-estar, este festim caríssimo ingerido intamente à mesa do orçamento.

Nestes momentos em que a baixesa moral mais nos alarma, em que os governantes enfiados à finança e à indústria ladravaz dão o espectáculo da mais repugnante abjeição, perguntamos a nós próprios se não haverá nenhum homem desses republicanos idealistas que tanto se indignavam, perante os desmandos da monarquia. Se existo ainda algum desses velhos propagandistas a quem enoje, como nos enoja a nós, essa bacanal infame em que os republicanos de braço dado com os reacçãoários, rastam pela lama, não só a honra, como os próprios princípios democráticos, porque não ergue a sua voz? Porque não vem a público, no cumprimento dum dever sagrado, dum dever que lhe impõe a própria honestidade, dizer que esses negociantes do regime não têm a sua solidariedade?

O povo inicia o seu movimento de protesto contra o roubo e contra o crime!

O comício de domingo, que tinha uma assistência numerosíssima, foi dissolvido polícia — Onde estão as liberdades prometidas pelos republicanos? — O operariado do Porto vai principiar o seu movimento de protesto, e o de Coimbra vai realizar um comício

Atendendo que a União dos Sindicatos Operários de Lisboa, promovendo este comício, não tem a intenção de promover a violência, mas de chamar a atenção do povo para a situação deplorável em que se encontra o país, e de pedir a sua intervenção para a sua libertação.

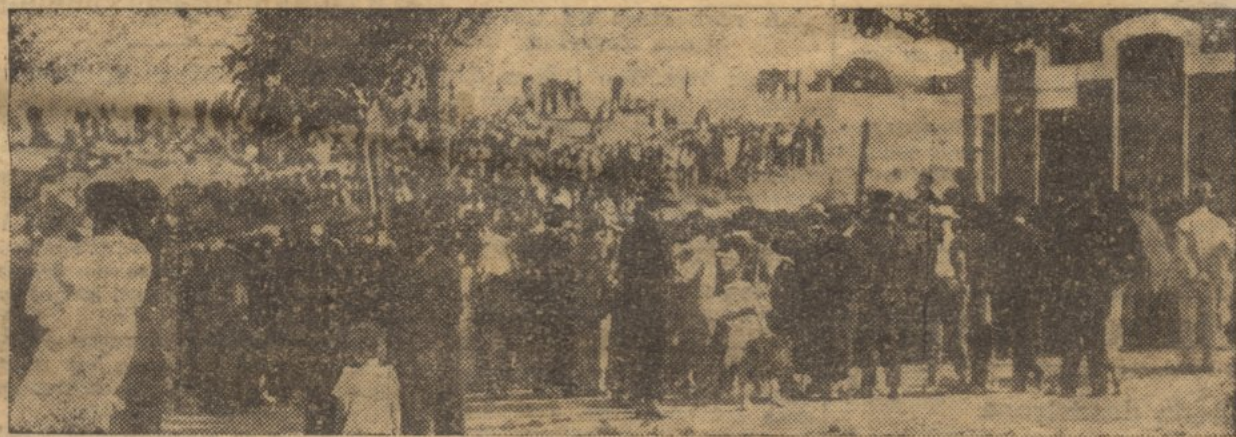
Pouco depois das 18 horas, como estava anunciado Gonçalves Vidal, declarou aberto o comício, avisando que a autoridade recomendava aos oradores a abstenção de frases subversivas que ofendessem o regime. Este aviso provocou alguns protestos da multidão que estava visivelmente irritada por todas as violências que as autoridades vêm praticando contra o povo.

Entretanto, a assistência ia-se juntando sempre, aumentando cada vez o volume da multidão.

Gonçalves Vidal afirmou com energia que o aviso da autoridade era descaféculado, porque só assim se poderá ver o verdadeiro operariado, embora a multidão não tenha tido outra escola senão as aulas das classes trabalhadoras e organizadas em sindicatos, de modo que no momento oportuno estejam prontos a agir consoante for mister. O orador foi muito aplaudido.

«Preciso integrar o país no ambiente esquerdista da Europa»
Miguel Correia que fala em seguida, afirma que não lhe compete trazer ali uma questão de moralidade, mas apenas uma questão de moralidade. E sob este ponto de vista verifica a completa falência das instituições. A culpa, em seu entender, cabe apenas aos de cima — cabe ao poder que não sabe defender com energias os seus direitos. A imoralidade é tão assaladora, que principiou pelos próprios do poder, atingindo as próprias classes populares.

«Preciso, afirma o orador, que o povo não se deixe enganar por este ambiente esquerdista que vai envolvendo a Europa»
Clara que os republicanos só acham legítima a liberdade do povo quando pratem a ameaça das ditaduras, mas logo que essa ameaça se desvanece logo a tirania volta a exercer-se. (Applausos vibrantes.)
Frem seguida dada a palavra ao camada Manuel Nunes, da Federação do Biliário.
Phipon este por dizer que para evitar os operários fardados assassinados os filhos do povo era preciso que eles evitassem que os seus filhos ingrissem na vida militar.
O presente da autoridade, tenente José dos, não gostou destas referências e chamou ao presidente da mesa que



A multidão acoorrendo ao local, onde pouco depois se realizou o comício

avisasse o orador de que não podia falar naquele tom.
Esta censura exercida sobre os discursos causou indignação entre o povo, ouvindo-se vários protestos...

Gonçalves Vidal, no intuito de levar a bom termo o comício e para evitar conflitos que poderiam prejudicar a multidão e crianças que se viam na assistência, pediu novamente aos oradores para usarem uma linguagem mais subtil porque o povo era suficientemente inteligente para compreender a intenção das palavras dos oradores! Ouviram-se muitos aplausos e Manuel Nunes prosseguiu combatendo o facto dos ministros e deputados serem interessados em empresas particulares. Afirma que desta forma é que os interesses do povo não são acatados, porque estão em desarmonia com os interesses pessoais que os homens públicos defendem.

A moção da U. S. O.

Como o comício fosse dissolvido imediatamente a U. S. O. não pôde apresentar à sanção do povo a moção que a Batalha, hoje publica, certa de que ela está no animo de todas as pessoas de bem.

«Eis a moção:
«Da União dos Sindicatos Operários ao povo trabalhador:
Considerando que o proletariado nos últimos anos de república tem absorvido a sua atenção e a sua actividade pela conquista de maior bem estar económico, numa condição subjectiva dentro do condicionamento burguês, esquecendo-se do objectivo do Socialismo Revolucionário que é a sua libertação política e económica;

Considerando que, por virtude deste restrito e impreciso movimento de luta ter evitado a expansão completa do proletariado organizado, os políticos e os financeiros tem tripudado sobre todas as realidades e liberdades públicas a ponto de se observarem actos de canibalismo que envergonham e aviltam a sociedade como os ultimamente ocorridos nos Olivais e em Silves;

Considerando que o desrespeito às tradições liberais do povo da região portuguesa que vai ao ponto de não permitir a livre expansão do pensamento e da palavra escrita, por intermédio da imprensa operária é motivada pelas lutas intestinas resultantes do choque de interesses das coltelas financeiras e que tendem a arrastar o país para a perda dos mais elementares direitos dos cidadãos;

Considerando que para evitar eficientemente este estado de coisas, se torna necessária e imprescindível um método persistente e metódico de agitação e preparação sindical do operariado e que a par da consciência revolucionária lhe faculte a cultura profissional, intelectual, moral e artística como perfeita garantia de êxito na sua aspiração de liberdade, o que só se consegue, modificando o actual sistema económico-individualista;

Considerando, finalmente que todo o povo, como propulsor mais leucundo e sólido do progresso e riqueza social, tem o direito inalienável de se manifestar e movimentar activamente contra todas as falcatruas, quer sejam cometidas pelos homens públicos, quer particulares, que tiram os interesses colectivos;

O povo da cidade de Lisboa, reunido em comício público resolve:

1.º — Protestar energicamente contra os atentados à Liberdade, à bolsa e a vida dos cidadãos praticados, ultimamente, e saldar os operários presos e feridos por delito de motivo social, pretendendo a rápida libertação daqueles.

2.º — Salutar o jornal A Batalha, afirmando-lhe a sua franca e incondicional solidariedade.

3.º — Anotar o programa de acção e

propaganda que U. S. O. vai encetar, promovendo sessões e comícios públicos em todos os bairros da cidade, convidando todos os homens de valor, amantes do progresso, a usarem da palavra, a fim de manter uma permanente acção combativa de crítica aos desmandos dos políticos enfiados às empresas financeiras e industriais que têm levado a miséria ao seio de todos os trabalhadores.

4.º — Manter-se atento e decidido a responder a qualquer chamamento da U. S. O. ou da C. G. T., agindo segundo as circunstâncias, sempre que qualquer caso grave, atestatório dos seus direitos, reclame a sua acção.

5.º — Promover dentro dos seus organismos sindicais, a indispensável e urgente preparação técnica e ideológica que há de conduzir à inevitável transformação social, com a garantia do maior bem-estar comum.

4 U. S. O. do Porto toma resoluções

PORTO, 28. — Na União dos Sindicatos Operários, efectuou-se ontem, pelas 21 horas, uma reunião conjunta de delegados e directores dos organismos profissionais.

Representados estavam as seguintes colectividades: Sindicatos Unidos Metalúrgico, Construção Civil, Vestuário, Calçado, Contos e Peles, Têxtil e Mobiliário; e associações de classes dos Gráficos, Litógrafos, Carregadores e Descarregadores de Terra e Mar, Chapreiros, Jardineiros, Barbeiros, Artes de Viagem, Chauffeurs, Confeiteiros e Manipuladores de Pão.

Presidiu o delegado dos Metalúrgicos, secretariado pelos representantes da Construção Civil e dos Gráficos.

A sessão foi expressamente convocada para a organização operária portuguesa se pronunciar contra a odiosa perseguição movida ao jornal A Batalha; contra a bárbara e repugnante execução sumária dos Olivais; contra os selváticos e militares fusilamentos e emboscada efectivados pela negrada guarda pretoriana da república, a qual, na sua ferocidade mongólica, nem sequer poupou as crianças indefesas; e contra as arbitrariedades policíacas, que não descansam na sua detenção de operários, e todas as façanhas de ladroagem, que as diferentes sociedades capitalistas vêm desenvolvendo nos últimos tempos.

Usaram da palavra, além do secretário, o qual expoz sucintamente a questão e teve frases de elogio para os corpos directivos de A Batalha pela sua

campanha desassombada contra a moral, finança, etc. — os delegados dos carregadores e descarregadores, vestuário, construção civil, chauffeurs, carris, calçado, couros e peles, manipuladores de pão, etc., tendo todos palavras de revolta contra as últimas perseguições e os últimos monstruosos morticínios.

A necessidade da organização mais se desenvolver e aperfeiçoar a fim de nestes momentos excepcionais e de indignação, estar apta a actuar sem precisão de monólitos e arrastados preparativos, que deixam fugir as ocasiões psicológicas — foi nitidamente salientada nesta importante reunião.

Igualmente se reconheceu a importância da utilíssima expansão do organismo do operariado português, prestando-se-lhe toda a solidariedade possível, bem como as vítimas da reacção militar, policia e governamental.

Após animado debate, foi aprovada esta moção, apresentada pela comissão administrativa da U. S. O.

«Considerando que, como nós, Comissário Administrativo da U. S. O., todos os organismos do Porto, Gai e Leixões devem, neste momento, vibrar de indignação revolta contra o mais feroz e repulente banditismo que campeia em Portugal, com o beneplácito dos viciários políticos, os quais se alocam em nas olímpicas cadeiras da governança pública;

Considerando que A Batalha é, como órgão proletário, o único jornal que, com moralidade, tem pulverizado todas as imoralidades, todos os crimes e roubos praticados pela burguesia insatável de ouro e insaciável de sangue, não trepidando, na sua negrada e não de abutir, em aniquilar o pensamento que antevê novos horizontes de luz emancipadora;

Considerando que na fúria de perseguição sistemática, a A Batalha esta vem sendo apreendida diariamente, para assim a burguesia ver corados de êxito os seus desígnios, os quais consistem em estrangular e morder o nosso órgão na imprensa;

Considerando que as classes trabalhadoras, num gesto justo de coerência e consciência, não devem conservar-se indiferentes ante os crimes e os latrocinios que nos vêm sendo desvendados pelo nosso órgão;

Considerando que o monstruoso e repugnante crime de fusilamento nos Olivais, na pessoa de nossos camaradas, é uma cingra abertura no coração de todos os proletários e homens de sentimentos generosos, que reclamam justiça;

Considerando que o militarismo, os

As agressões de Silves

Cada vez se confirma mais e melhor a premeditação dos fuzilamentos. — Pretende-se, mas inutilmente, justificar a violência

SILVES, 28.—Cada dia que passa, novos fuzilamentos vão aparecendo sobre os trágicos acontecimentos de que esta cidade foi teatro no passado domingo. Constatamos que a premeditação do crime já vinha de há bastante tempo. A vontade de assassinar não apareceu de súbito. Durante a greve e mesmo muito antes disso já se instigava a guarda a atacar os operários. Só faltava um pretexto, o qual nunca apareceu, porque o operário de Silves sempre foi ordeiro. Não obstante as provocações para irritar e fazer revoltar os trabalhadores, da parte da guarda republicana, nunca aqueles deram ensejo a que essa guarda entrasse em acção.

É isto irritava não só o tenente Vinhas, que queria dar sinal de si, como industrial corticeiros que desejavam assistir a um acto de força, um massacre em forma, de maneira a dar a tal lição que eles há muito apregoavam.

E para o confirmar, estão as palavras do delegado do governo proferidas diante de algumas pessoas na estação de Tunes. Afirmou aquele senhor que aquela cena já tinha de dar-se há mais tempo, porém ele tinha-o evitado por várias vezes.

Portanto havia conhecimento do que se preparava; a chacinha já estava premeditada. A ocasião é que nunca se proporcionaria.

E os assassinos, os que mataram e os que instigaram, não tiveram melhor ocasião se não o da chegada de tantas crianças!

Ainda na véspera dos trágicos acontecimentos o mesmo delegado do governo dissera a algumas pessoas que no dia seguinte haveria muita beldade, e no domingo, após o massacre, dirigindo-se às mesmas crianças, voltou a afirmar: «E não lhes disse ontem que hoje haveria beldade?»

Mas há mais, muito mais.

Na fábrica de José Roma, quando no sábado 21, os operários abriam uma quebra para comprar bôlos para as crianças, que haviam de chegar, aquele industrial dissera:

— Amanhã haverá bôlos e mais alguma coisa...

E não contentou que os operários fizessem comentários após os acontecimentos.

Também se deu o caso de Manuel Varela, encarregado da fábrica Adelino Rocha, ter pedido com insistência a um conhecido, no sábado, que não fosse à estação no dia seguinte.

Não pode restar dúvida que tudo estava preparado para a chacinha!

Procurando fugir às responsabilidades

Procura o comandante da guarda, o tenente Vinhas, arranjar testemunhas para se salvar da responsabilidade do seu acto criminoso. E assim tem chamado as várias pessoas ao posto do intuito de conseguir que elas falcem a verdade. Porém tem-se enganado, apesar talvez de pretender obrigá-las por coacção a dizer o que ele deseja.

Foi convidada a ir ao posto a sr.ª D. Maria dos Santos Galvão, de Olhão, mãe do professor Gilvão, de Silves, que por acaso viera no mesmo comboio que conduzia as crianças.

Essa senhora declarou que antes de chegar à ponte viu num carro duas filhas de soldados da guarda. Em direcção à estação seguia uma carrinha, tendo os soldados obrigado o cocheiro a voltar para a cidade. Nesta altura ouviu tiros

sua odiada e anti-humana missão de matar, acaba de fuzilar um operário e ferir muitas crianças em Silves, o que prova que a onda da morte, da rapine, da fome e da dor, invade todas as terras deste desgraçado país!

Considerando que se impõe às forças proletárias organizadas intervir para obter a que os homens públicos sejam ligados à exploração comercial, agrícola e financeira, com o prejuízo do próprio Estado;

Considerando, finalmente, que o proletariado, no momento que passa, não deve permitir deportações odiosas, premeditadas pelo roceiro Sá Cardoso, nem tão pouco encarceramentos prolongados sem culpa formada, de militantes operários; esta União julga seu dever propor:

1.ª—Que se oficie à C. G. T., propondo a conveniência da preparação dum grande movimento de protesto nacional contra as façanhas criminosas do militarismo e da policia, e contra as roubarias da burguesia;

2.ª—Nomear uma comissão de acção para, junto de todas as classes, prepará-las e colocá-las de sobrevivência para o momento oportuno;

3.ª—Nomear outra comissão para iniciar a expansão e uma grande subscrição em prol de A Batalha.

Este documento foi aprovado unanimemente, junto com dois aditamentos: um, do delegado do vestuário, para que a missão da comissão nomeada seja extensiva às vítimas dos crimes de Oliveira e Silves; e outro, do delegado dos manipuladores do pão, para que o protesto seja extensivo ao crime praticado nesta cidade, por ocasião da greve dos transportes—pelo qual ultimamente o actual chefe de divisão foi auriferamente medalhado.—(C.)

Em Coimbra vai realizar-se um comício

COIMBRA, 28.—O proletariado de Coimbra, vai, na próxima quarta-feira, assistir a um grande comício público promovido pela organização operária. Nesse comício, que será na Casa dos Trabalhadores ou na Praça do Comércio, alguns oradores exporão e todo o povo a verdade sobre o tremendo fuzilamento dos Olivais, a censura e apreensão do órgão das classes operárias A Batalha, e, ainda os últimos acontecimentos desenrolados em Silves.

Espera-se que este comício seja assistido por delegados da C. G. T.

Sapatelero

Precisam-se oficiais para obra de senhora que sejam perfeitos. Rua de São Nicolau, 119, 5.º.

Se o governo de A Batalha...

Se o governo de A Batalha...

Se o governo de A Batalha...

Se o governo de A Batalha...

Se o governo de A Batalha...

Se o governo de A Batalha...

Se o governo de A Batalha...

Se o governo de A Batalha...

Se o governo de A Batalha...

A BATALHA

EDEN TEATRO

Telefone N. 3800

HOJE, às 9 3/4 (21,45) da noite

A mais querida e animada das revistas

Lua Nova

com todas as suas atrações e com o bailarino Bill Bailey

Guarda roupa de Castelo Branco

O mais confortável e arejado dos teatros

Preços ao alcance de todos

Preços populares -- GERAL 2\$50

Bilhetes a venda

TEATROS & CINEMAS

Teatro de São Carlos

O Auto da raça — Acto do dr. Mário Monteiro

Não acreditamos que Mário Monteiro, tivesse pretendido fazer uma peça patriótica, porque, sendo assim, veríamos forçados a colocar a apreciação dela num campo em que menos deveríamos encerrar o fôlego do advogado de quem o espírito de revolta é bem conhecido e que não faria descer as suas ideias rasgadas e liberais ao logradouro, do louvável histórico do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

São Carlos

— Telefone C. 3063 —

Amanhã — Quarta-feira, 2.ª — Réclia de homenagem a Lucília Simões.

Primeira representação da peça em 5 actos de João Correia de Oliveira e Francisco Lago.

A Verdade

Encenação do prof. António Pinheiro

Scenários novos de Lus e Almeida

O bilhetes marcados devem ser reclamados hoje, durante o dia

Preços populares -- GERAL 2\$50

Bilhetes a venda

TEATROS & CINEMAS

Teatro de São Carlos

O Auto da raça — Acto do dr. Mário Monteiro

Não acreditamos que Mário Monteiro, tivesse pretendido fazer uma peça patriótica, porque, sendo assim, veríamos forçados a colocar a apreciação dela num campo em que menos deveríamos encerrar o fôlego do advogado de quem o espírito de revolta é bem conhecido e que não faria descer as suas ideias rasgadas e liberais ao logradouro, do louvável histórico do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização do espírito do partido da mui dos dias de alguns vates contemporâneos que passam o tempo a incensar as grandes figuras históricas, apontando-as até com os seus dialetos homogeneizantes, quando vão cortiquelando as suas estatuetas morais, numa subordinação vil ao que a crítica peço de conveniente, em quasi todas elas.

Mário Monteiro fez uma literalização

PALAVRAS INDIGNADAS E OPORTUNAS...

DO ESPÍRITO DUM ILUSTRE HOMEM DO PASSADO, ENTREVISTADO NO CEMITÉRIO... DA "ALMA NACIONAL", ONDE SE FALOU DO PRESENTE...

O país encontra-se bastante excitado com a política nefasta, de tirania e de subversão econômica que o actual governo da república portuguesa está travando na sua vida desregada.

Contra o órgão da organização operária lusitana, o qual levantou, com desasombro, uma formidável crítica contra o sistema de delapidadores e assassinos que atira com a nossa nacionalidade para a negritude da fome e para um charco vermelho de sangue—ergue-se o mais temível enervamento por parte do mundo burguês e «republicano».

As opiniões, porém, divergem. Há quem reputa exagerados os ataques dos revolucionários, e há quem julga, talvez com mais acerto, de que, política, econômica, social, histórica e psicologicamente falando, atravessamos uma época singularmente idêntica à gozada há 14 anos atrás...

Os da última opinião, apenas lamentam que, decorridos tão poucos anos, se esquecessem, os profetas de então, das suas maravilhosas promessas e que, prezando então iniquamente, as suas atrevidas iniciativas de «renovação»—arrendendo, agora, maiores «lavas» de lama do que, outrora, os nossos olhos abismados pudéramos apresentar...

Queríamos, também, formular um parecer—mas um parecer errado não o podíamos admitir. Lembramos, então, antes de arriscarmos um pensamento qualquer acerca dos acontecimentos emergentes, de efectuar uma entrevista com um dos espíritos dos maiores caudilhos das insurreições republicanas dos tempos idos...

Desprezamos as casas dos modernos feiticeiros e fomes, directamente—visto que somos partidários da acção directa—ao cemitério lúgubre da *Alma Nacional*,... dos antigos períodos das conspirações republicanas...

Entrar, sózinhos e de noite, no campo sagrado onde repousam os espíritos dos homens do passado, cujos corpos físicos se encontram, hoje, admiravelmente instalados no *Panteão* florido do estado moderno—salvo temerário, principalmente nesta câmara de estio, é variável em que os fogos-fátuos mais se sobressaem nas suas torresforças espirais...

Confundo, avançamos até ao local... e batemos na lápide tumular, evocando a alma... do outro mundo diferente deste em que o envolvero carnívoro da vida deu em espectacular apóstatos o fôro cardifício ao representante do ontora motejado Vaticano...

A pedra levantou-se... e o ilustre habitante da outra vida surgiu envolto numa vaporosa tintura branca e de semelhança... nem sabemos que semelhança tinha.

Em voz cavernosa, mas pausada, reanunciou-nos por fim—interromper no pó da sua nova moradia...

Atenta, porém, a nossa curiosidade sobre a sua opinião, a jossu curiosa pergunta que o seu corpo acriar, e dada a nossa excepcional desculpa, não pôde, igualmente, resistir, e principiou espectacularmente *metilfu*:

—Fez em 23 do mês findo, precisamente 14 anos, a dois passos da monarquia, que eu inspirei as seguintes frases:

«Pois é indispensável que o partido republicano, pondo-se em face da nação, lhe diga: «tens visto o que fez a monarquia, que só tiranizou e roubou; vais ver, em definitivo, os planos de regeneração nacional, que o partido republicano reflectidamente adoptou; de libera-te agora»...

Nos otobtemperamos ao sr. Espírito:

—Depois desta jornada de verdadeira tráfego republicana que estamos assistindo; depois de verificarmos que a banalidade dos políticos, dos parlamentares, dos governos, do Estado e seus funcionários é descomunalmente maior—jágo poder, a nossa *Alma Nacional*, a nossa *Batalha*, parafrasear com mais propriedade:

«Pois é indispensável que o sindicalismo revolucionário, com tendências profundamente libertárias, pondo-se em face da nação, lhe diga: «tens visto o que fez a monarquia e o que fez a república, que só tiranizaram e roubaram; vais ver, em definitivo, os planos da regeneração humanamente nacional, que a organização operária, orientada pelo

—Mas esse escravo que está aí murmurando de joelhos os seus padres nossos a São Lupo Maior?

—Ainda que um raio lhe caísse aos pés, não se mexeria daí... ir-se há embora assim como veio... de gatinhas.

—Vamos velho Simão, lastimemos este pobre homem, e sobretudo enforcemos o bispo... Caminha, Simão.

—Segue-me, Ronan:

E os *Vagros*, conduzidos pelo escravo eclesiástico, desapareceram no subterrâneo, que, no seguimento de aquelas antigas termas, confinava com a vivenda episcopal, todos eles cantando em voz baixa:

«O alegre *Vagro* não tem mulher; com o punhal numa das mãos, com o archote na outra, vai do burgo à vivenda episcopal roubar as mulheres dos condes e dos bispos, e leva consigo estas encantadoras para o fundo dos bosques»...

Que faziam o prelado e o conde, enquanto os *Vagros* se introduziam no subterrâneo do palácio episcopal?... O que faziam?... Bebiam continuamente; o leuda do conde tinha ido buscar a escrava ao burgo... Entretanto, o bispo Cautin tendo ainda no pensamento a posse da linda rapariga, que cubia desde muito tempo, puzera-se à mesa. Neroweg, sempre trémulo e quase embriagado de vinho e de terror, julgando ter o inferno debaixo dos pés, teria querido sair da sala do banquete; mas não se atrevia a fazê-lo, julgando-se protegido pela santa presença do bispo contra os ataques do diabo. Debalde o homem de Deus teimava com o seu hóspede para beber mais um copo, o conde repelia o copo com a mão, olhando em redor de si com os olhos de ave de rapina.

O eremita lavrador, como de costume, meditava ou observava silenciosamente o que se dizia e fazia.

—Que tens tu? perguntou o bispo ao conde, estás triste e não bebes... Inda há pouco fraticida, tu agora pela minha absolvição estás branco de neve... espalhece; não tens ainda a consciência limpa? responde...

—O que heis de tirar-me então?

—Com as orações de um sacerdote do Senhor.

—Eu não sou sacerdote?

—Mas sou eu!

—Então, patrono, rezas essas orações pela alma que está penando.

—Seja... Durante vinte anos rezar-se háo no altar

mal intencionado é que finge não ver isto...

«O que precisas, acima de tudo, é ser honesto e leal, apresentando-mo a sinceridade em pessoa. E isso horas de dizer a última, a definitiva palavra»...

«Olhes agarre-se à pólvora... O testado da *Alma Nacional* «queimada» mo velhos acontecimentos e aplique-mo hodiernos, a propósito desse governo augeado pelo distico chaguento da pior sifilis política que há nos alcoicis da trampolunice... Isto é, diga como eu outrora: «Vai se instalou, o *Gracioso*, nas cadeiras do poder, começou a sua faina, aquela triste faina que o alucinou em todos os momentos da vida, como

o pau vermelho alucina o toiro que as bandarilhas excitaram — a baixa, repugnante faina de perseguir», não o partido republicano, porque isso já se sepultou miseravelmente na fastidiosa tração das suas tiranias e vilipêndios, mas aqueles que tem os olhos fitos num mundo melhor, mas a sua organização revolucionária que luta por uma tal efectividade, mas a imprensa operária que não se deixa enfiar nas rabulices quadrilheiras da moagem e da fúria, para melhor ilgar os vendidos e os ladões e melhor dizer a última palavra acerca dos bandos facinorosos que assaltam cruelmente os lares perturbados duma imensa população que trabalha para os outros...

«Quando — e já não é sem tempo — essa governamental gata, assanhada, mas tihosa, cair da boca à morte, ainda vos assiste o direito de repetirdes com o «espírito» vindo deste além-túmulo republicano: «Coisa mais relevante do que morreu. Por vezes parece que foi de lazeira, outras afiura-se a gente que morreu de uma congestão cerebral, como essas que vêm aos bebados, depois de tombarem na valeta»...

«Ela catorze anos — e tal afirmação fez o seu aniversário no dia 3 de Março pretérito — garanti que a polícia de segurança por essas ruas fora, aproveite

va o primeiro incidente, por mais fútil que ele fosse, para puxar pelo tergo e espancar cristuras indefezas, as quais depois, eram «lavadas» a pontapé e a sóco para dentro das esquadras. Hoje, revolvo-me mesmo dentro do meu túmulo, por ver que agora não vão para as esquadras só a pontapé e a sóco; vão também à coronhada, com a cara horrivelmente emagada. E como se isto não bastasse, e o progresso republicano se queira diferenciar do progresso monárquico antigo, depois das torturas são levadas para fora das esquadras e sumariamente enfiadas, sem mais fitir-nem guar-te, de encontro aos Olvais...

«E' que nos vossos tempos, como nos da omissa, não há pedaço de asno investido numa parcela de mando, que não exerça tiranias de capitão-mor, e não há cacique político, seja ministro ou regedor, que não berre, com o presidente na barriga: «quem manda aqui sou eu»...

«E' verdade, ilustre espírito: o prototipo do capitão-mor temo-lo no Ferreira do Amaral e a encarnação suprema do snúgo regedor Dias da Costa encontra-se no incomparável Sá Cardoso»...

«Infelizmente assim sucede, Portugal republicano, como Portugal monárquico, pode estar um pouco afeiçoado em certos ramos de civilização, mas, no que respeita à ordem pública, encontra-se avançado, porque dispõe duma matilha policial superior à dos «bull-dogs»... O que escrevi há 14 anos, adapta-se maravilhosamente às épocas de hoje. Simplesmente com esta diferença: com o devido aumento e correcção. E por isso, as autoridades continuam, como em todas as épocas, a prender, a roubar, a difamar e a matar quem lhes dá na gaita»...

«E' certo, porém, caro espírito romântico dos tempos da oposição republicana, que hoje as autoridades se baseiam na existência duma terrívelíssima *legião vermelha*, diante da qual se estarcera».

«Mas o que é a *legião vermelha*? Segundo Raúl Proença, são os que nada têm que perder... porque tudo lhes roubaram... Porque não há pão, porque não há amor pelo próximo, porque não há justiça, porque não há liberdade, porque não há religião... da solidariedade e do respeito mútuos»...

«Perdão! Isso não impede que mantenha esta opinião: se ontem, «as tropelias, as perseguições e afrontas cometidas por causa do rejeição — forjado noutra *legião vermelha* mais quantiosa e mais numerosa — foram uma coisa infrene e abominável, que a palavra humana só pode verberar dignamente se atingir o poder delonante das bombas de dinamite» — com mais razão as tropelias, as perseguições e afrontas cometidas por motivo de casos individuais, são também uma coisa repugnante e indigna que deve revoltar todo o proletariado sem excepção»...

«Eu, espírito de António José, faço esta repetição histórica: a justiça portuguesa, que deixa a sóla gaita de toda a laia, sobretudo quando eles são ministros de Estado ou grandes influentes políticos, e protege com a sua indiferença, senão com a sua protecção evidente, toda a casta de mariolões e bandidos, levantou uma néscia da venda de cima dos olhos e veio lobrigar, nas colunas da *Alma Nacional*... do órgão do proletariado português, o pretexto, não para meter no bolso algumas dezenas de mil réis, visto que não tem a coragem de a querrelar e a querer ouvir serena, nos tribunais — mas para lhe sufocar a noz, estrangulando-a, se possível fôr, duma vez para sempre»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

Um som metálico de mágica se ouviu. O Espírito sumiu-se, a tampa sepulcral tombou no seu logar... e nós fugimos, «supersticiosos», a narrar este facto importante...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

«E de facto, assim foi... A sua habilidade foi tamanha, que até conseguiu, recusando 14 anos, entregar a república à monarquia»...

«Mas V. Ex.ª afirmou outrora: «Os monárquicos portugueses teem, como ninguém, habilidade para republicanos»...

